

## DESAFIOS E IMPACTOS NA INFÂNCIA

O professor Leonardo Rodrigues, do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB), destaca que o racismo nas relações sociais se manifesta quando as diferenças são motivo de discriminação. “Em famílias inter-raciais, o racismo é mais frequente, até mesmo dentro do núcleo familiar. Episódios de tratamento diferenciado, brincadeiras dolorosas e discriminação em famílias extensas revelam que o ambiente familiar pode ser palco de violências.”

Para o especialista, o impacto do racismo na vida das crianças é semelhante dentro e fora do lar. “Identificar tardiamente esses processos dificulta a ressignificação das ideias sobre si mesmo e sobre a sociedade. O assistente social, com acesso privilegiado a famílias, pode identificar casos de violência racial e promover possibilidades educativas.”

De acordo com Leonardo, o letramento racial é essencial. “O racismo não é apenas histórico, mas um problema social atual. Famílias, especialmente inter-raciais, precisam se instruir, superando mitos racistas e enfrentando situações de violência.” Para o professor, a abertura ao diálogo e ao enfrentamento do racismo no contexto familiar é fundamental para construir uma sociedade comprometida com a justiça diante de séculos de desigualdade.



Camila com o irmão e a mãe: família inter-racial

## A falta de compreensão

Camila Facchinetti tem 17 anos e mora com a mãe em Brasília. A jovem negra é estudante e relata que, na sua família, pouco era falado sobre negritude. A garota, fruto de um relacionamento inter-racial, uma mãe branca e um pai preto, sofreu com a falta de conhecimento sobre as questões raciais, isso não era falado a ela ou ao seu irmão mais novo, Guilherme Facchinetti. “Meus pais nunca tiveram consciência da importância sobre a educação da negritude, pois era algo que não era esclarecido na cabeça deles.”

A jovem conta que, mesmo que a família não tenha transmitido informações sobre questões raciais, como autoestima do povo preto e história negra no Brasil, ela foi atrás desse conhecimento. “Foi uma iniciativa própria, muito das influências das pessoas que fui conhecendo na vida”, afirma Facchinetti.

Segundo Camila, mesmo com esse silêncio sobre questões raciais, a diferença de raças nunca foi motivo de discórdia ou desafeto — contrário de muitas famílias, em que comportamentos de exclusão, discriminação e ofensas são percebidos. Porém, segundo a jovem, alguns comportamentos preconceituosos são reproduzidos dentro do lar. A garota conta que quando colocou tranças afro pela primeira vez, sua mãe não aprovou o penteado. E mesmo tentando explicar que, mais que estético, era um símbolo cultural e ancestral, não houve compreensão. “Foi a primeira vez que eu vi

esse choque dentro da minha família, pois ela não via que, para mim, tinha a ver com minhas raízes e com toda luta do povo preto.”

Além das faíscas de debates sobre raça dentro da família, Camila relata que já sofreu preconceito de pessoas de fora. Seguranças seguindo o pai e ela pelo shopping foi um dos episódios marcantes para a menina. Além disso, a estudante conta que a falta de entendimento de alguns membros brancos da família sobre as violências sofridas por eles torna o cenário ainda mais ofensivo. “Acho que, além da agressão racial da sociedade, a falta de conscientização das pessoas que estão perto, de não enxergar isso como um problema, como um reflexo da estrutura de preconceito, é mais violento ainda”, explica Camila.

A jovem também relata que muitas vezes não era vista como filha de uma mulher branca. Durante a infância, os amigos da mãe chegaram a achar que a jovem seria filha de algum funcionário da casa. Muitas dessas situações ocorrem porque, para algumas pessoas, uma família inter-racial foge dos padrões e dos critérios étnico-raciais convencionais ainda disseminados. “Infelizmente, esses episódios são recorrentes dentro da vida de pessoas pretas que estão inseridas dentro de uma família inter-racial”, finaliza a jovem.

\*Estagiárias sob a supervisão de Sibele Negromonte

do *A dança das cores*, justamente falando sobre essa pluralidade e diversidade. É um assunto que sempre está em pauta e a gente tenta o máximo entender, porque conhecimento é conscientização, é avanço, é progresso na compreensão, no entendimento e no respeito às diferenças.”

Como tio, Messias elogia o cabelo cacheado da esposa, que é semelhante ao de Sophie. O constante estímulo ao elogio e ao reconhecimento das características individuais visa promover a autoestima da Sophie desde muito jovem. Esse cuidado se reflete em sua segurança, felicidade e conforto com sua identidade, enquanto interage com outras crianças na escola.

Messias destaca que sua família reflete a diversidade do Brasil, composta por uma mistura de pessoas brancas, pardas e pretas. A convivência na grande família é marcada pelo respeito mútuo às diferentes culturas e espaços individuais. “O estímulo às conversas sobre essa diversidade é crucial para que as crianças apreciem e compreendam suas próprias identidades.”